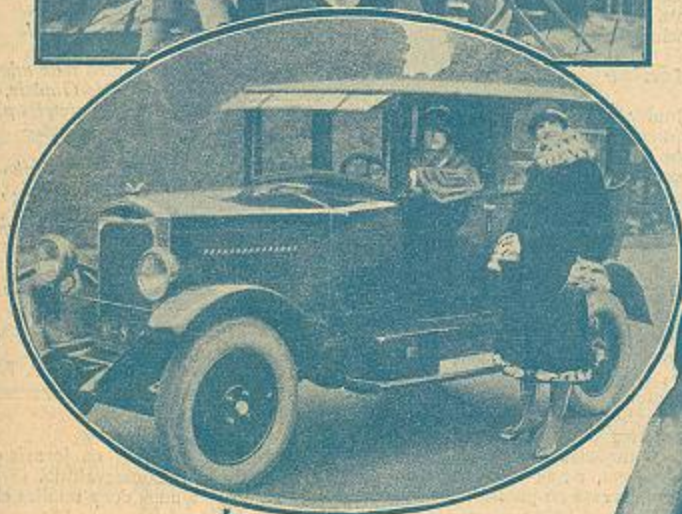
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II - NUMERO 82 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES

Da felicidade ao Aljube!

(Reconstituição grafica excl. do «Domingo»)

A mulher de Alves dos Reis na enfermaria do Aljube. Em contraste, dois aspetos da vida passada: "champagne gelado em plena selva africana", em cima, e em baixo, um passeio em Neuilly com a actriz holandeza Fie Karelsen ao volante.

O DOMINGO ilustrado
ANO II N.º 82
LISBOA 8 DE AGOSTO DE 1926
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado
DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSAO—R. do Seculo, 150

ECOS E COMENTARIOS

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

questão previa

ALGUNS parentes e pessoas das minhas relações acusaram-me, a proposito da ultima cronica, de ter exagerado os transitorios sentimentos xenofobos, a cuja pratica se entregam alguns parisienses de maus modos, fazendo alastrar sobre a acolhedora terra de França, como nodoa gordurosa e nauseante, as ligeirissimas manchas que nem chegam, sequer, para empanar o brilho do «boulevard», palavra magica que abre, como chave misteriosa, as imaginações que anseiam por Paris.

E' verdade que exagerei. Sem o meu exagero, eu nunca conseguiria a minha cronica. Narrar um facto, embora ampliando-lhe as proporções e cumulando-o de pormenores, é sempre narrar, é sempre chegar-se á verdade, que é, afinal, a inercia da semsaboria. Mas pegar no mesmo facto e fazer dele a espinha dorsal duma cronica não é o mesmo que conta-lo, com a preocupacão de dizer o que ele foi, exactamente. Ha que exagerar, para mais ou para menos, quanto mais não seja para dar ao leitor pretexto para dizer mal.

* * *

De resto, o exagero é absolutamente necessario á vida, á nossa vida de meridionais, por exemplo, em que tudo é exagerado, desde as modas ás paixões, desde o odio ao amor, desde a cozinha á literatura.

Não me proponho fazer o elogio do exagêro. Limito-me a apontar alguns dos mais frisantes entre os numerosos exemplos que a Vida nos fornece, daqui a que poderemos chamar, um pouco parodoxalmente, exagero puro e simples.

No crime, como na virtude, conforme diria o extinto Ravachol das feiras lisboetas, o exagero impera. Raro é o faquista que puxa da navalha para dar um só golpe, embora gentilmente mortal, no seu semelhante, e ainda está para aparecer o primeiro ciumento, que, ao liquidar a mulher amada, não empregue, pelo menos, cinco balas das oito ou dez que traz na pistola. Aí por essa provincia, onde a paulada é (como o devia ser a instrução primaria) gratuita e obrigatoria, um caceteiro que se preze até tinha vergonha de contemplar a respectiva vitima com uma só arrochada, embora o agredido, amavelmente e para não incomodar mais o agressor, tenha consentido em morrer com a primeira cacetada.

No caminho da virtude, como na senda do crime, o exagero encontra-se a cada passo. Ora examinem vocencias o caso daquelas pobres criaturas que aos setenta anos de idade ainda são, como aos dezoito e no dizer classico da «necrologia» dos jornais, «a virtuosa senhora». Nestas atribuladas existencias verificou-se, manifestamente, um exagero permanente de virtude, que a ninguem era licito exigir.

Afinal, quasi se pode dizer, em mau latim, mas com bastante verdade: «Exagerare humanum est». Eu proprio, se ainda desta vez não exagerasse, não sei bem se daria conta desta cronica.

Feliciano Santos

O grande «ponto»!

Eu e tu, leitor pelintra, ao lermos aquela pagina formidavel da Historia da Vida, que o «Noticias» publicou com todo o «dossier» secreto do Angola e Metropole, tivemos dois pensamentos.

Primeiro, nós que teriamos lamentado—confessa!—que não nos tivesse entrado pela porta um baralhosito das tais de quinhentos—mesmo falsas — sentimos admiração por esse «grande ponto» que é o joven Alves Reis—que não será engenheiro verdadeiro mas é muitissimo mais engenhoso do que a grande maioria dos autenticos.

A verdade é que ha muito que não se revela tão bôa pinha!

Que diabo, ha o «belo horrivel»! E dentro da sua monumental vigarice, este cavalheiro é grande!

O outro pensamento que nos invade é a tristeza de que este malandrão «não lhe tivesse dado para bem».

Ou antes, que o acaso o não tivesse colocado em circunstancias de aplicar as suas formidaveis faculdades ao serviço de interesses legais e confessaveis.

Digam-me vocês: Se amanhã tivessem de confiar a resolução duma missão de inteligencia a alguem, entre este rebanho de *fracks* balofos da politica ou este «gabirú» que sem dinheiro inicial consegue abichar massas no valor de 200 mil contos, quem escolheriam? Ninguem hesitava.

E, depois, quem conversou demoradamente, como nós, com o famoso autor da burla-monstro, e penetra no lar de felicidade e de conforto, de saude, de riqueza, que ele, á sombra do seu formidavel plano, ergueu—vê com curioso entrechorar de sentimentos o desmoronar desse trono da magica, em que só ha talvez uma tragedia sincera: o despertar para a vida dessas duas creanças, admiraveis de beleza e de robustez, que são os filhos dessa verdadeira Aguia do crime que é Alves Reis.

Com a sua queda, esse homem, que era o idolo dos seus, arrastou tudo. Veem atraz de si velhos, mulheres, estrangeiros, predios, quintas, ministros, comerciantes, politicos, banqueiros, diplomatas, ourives, numa cambulhada tragica, numa cegada infernal de corruptos e de vendidos!

Pitoresco á paisana

Apoiado ao «Diario de Lisboa»! Apoiadissimo ao «Diario da Tarde»!

Essa coisa ridicula que se propoz para as floristas do Rocio, brada aos ceus!

Não julguem que é um caso meramente local e de soalheiro provinciano. Esta historia das floristas fardadas vale como simbolo dum espirito de asneira que é tanto militar como paisano, porque é nacional. Aquele trajo proposto pela actual camara, alem de ser dum gosto verdadeiramente Pires, duma elegancia de papel selado e duma banalidade agressiva—atinge o cumulo do impratico, só tendo comparação no quiosque estilo W. C., que acompanhava o figurino.

Num paiz onde tantas e tão lindas sugestões de trajo nacional existem por toda a parte—ou anda cego ou é parvo quem planeou tal babuseira!

Artes

Muitos artistas dos modernos e alguns dos antigos andam empenhados em conseguir o deslocamento do eminente poeta Augusto Gil do cargo de director das Belas Artes, atribuindo-lhe uma completa ausencia de iniciativa. São da Contemporanea, a grande revista moderna, as seguintes palavras:

1.º O imediato afastamento do actual director geral de Belas Artes, substituindo S. Ex.ª por dois, trez ou mais membros, que formem uma direcção geral, e da qual faça parte o director desta revista.

2.º Que o actual director geral, de Belas Artes, mesmo afastado, continue recebendo os seus vencimentos.

3.º Que a direcção que substitua S. Ex.ª não tenha vencimento algum.

Xisto Junior

Xisto Junior, pseudonimo dum antigo, brilhante e primoroso humorista do «Riso da Victoria» e do «A B C a rir», começa hoje as suas cronicas no «Domingo». Para elas e para a sua ironia tão curiosa chamamos a atenção dos nosso leitores.

Silva Tavares

Poeta de larga inspiração e um dos positivos valores da geração moderna, Silva Tavares, de quem ha muito eramos admiradores, entra agora no numero dos colaboradores de «O Domingo», que sempre renova os seus redactores no intuito de tornar este jornal variado.

Damos-lhe hoje a «Má Lingua» pela ausencia momentanea de Taço. Brevemente Silva Tavares fará «novelas em verso», admiraveis para se recitarem, e que vão com certeza merecer muito interesse ao publico.

Almada Negreiros

Almada, o maior nome da arte modernista, dá-nos hoje uma novela na sua forma originalissima.

O publico tem ali que saborear um estilo pessoal e uma prosa cujo «bas-fonds» é sempre valioso e tem qualquer coisa de subtil e filosofico. «O Domingo», fiel ao seu programa, vai renovar-se de dia para dia.

Má lingua

Uff!...

Segundo li, não lembro em que jornaes,
chegou-se, finalmente, á conclusão
da prometida eléctrificação
da conhecida linha de Cascaes.

Dentro de dias todo o lisboêta
póde lá ir, firmado na certeza
de vir na grande, e até com mais limpeza,
de São João, do Monte . . . ou da roleta!...

E' claro hão-de estoirar muitos morteiros
festejando o estupendo caso raro,
com o qual vão lucrar, inda é mais claro,
a Empreza, o turismo e os batoteiros . . .

Como se fôsse, apênas, um kilómetro
o espaço estre Lisbôa e os Estoris,
irêmos tão depressa, ao que se dis,
que nem, sequer, daremos p'lo gazómetro.

E se houver que fazer passo d'enterro,
ficou assente, e é coisa resolvida,
que seja feito, logo na saida,
em face ás maravilhas do Aterro!

Mais consta que a mentira toda núa,
que se mostra no palco do Ginásio,
—atendendo a que faz um simples plágio
do muito que se vê em plena rua—

Já resolveu buscar qualquer amanho
para as crises da peça e do dinheiro,
e aproveitar o tramway derradeiro
p'ra ir, todas as noites, tomar banho.

Parto, portanto, na celeuma tetrica!
—Para que ha-de o Governo, almas danadas,
despender energia co'as estradas?
Basta o dispendio d'energia eléctrica.

SILVA TAVARES

Notas... musicais

Ha dias publicaram os jornais o resultado dos exames do Conservatorio. O menos que ali tinham os alunos era a modica classificação de 16 valores.

Os «vinte», os «dezoito» andavam por ali ás duzias. Por outro lado, a Escola da Arte de Representar, por muitas negações que lá tenha, arranja sempre «primeiros prémios».

Já repararam nisto os leitores?

Ao passo que nas faculdades e nos outros cursos «uns doze» custam tanto a apanhar, no Conservatorio é um regalo. Porquê este criterio especial?

Quanto a nós ele demonstra, antes de mais nada, o desequilibrio dos classificadores.

Depois, a necessidade de criar uma escala especial de notas para os exames de arte.

PRECAUÇÃO

—O senhor não teria feito nenhuma asneira se abrisse o seu guarda-chuva.

PREVISÃO

—Que vem a ser isto, João?
—São as botas do senhor. Como tinha dito que estava com pressa, trago-as já atacados..

NOVA CREADA

—As referencias que me traz não dizem porque saiu da outra casa . . .
—Ora essa! Eu tambem não pregunto ao senhor porque mandou embora a outra creada!

NOS EXAMES

—Ora vamos lá a saber: que fizeram os Hebreus ao sairem do Mar Vermelho?
—Os Hebreus!... naturalmente... enxugaram-se...

O DOMINGO ilustrado

Humorismo

Crónica alegre

por Xisto Junior

ESTRADAS

ESTEVE aí um cavalheiro inglês, especie de missionario laico, que se propunha conduzir-nos por melhores caminhos, arranjando-nos as estradas velhas e rasgando as novas—salvo seja!

Para este efeito, o cavalheiro inglês prégou um eloquentissimo sermão na Propaganda de Portugal... Ora!... Foi como se falasse grêgo a uma as-

sembleia geral de patagões... O homenzinho a afirmar que a civilisação só caminha pelas estradas e o portuguezinho (valente ou medroso), que o escutava, a dizer com os seus bentinhos:

—Ai filho, tu perceberás muito de macadames, betons e outros cimentos, mas lá do que se chama o problema das estradas em Portugal entendes tanto como de lagares de azeite. Em Portugal, emquanto houver eleições, tem de haver estradas em mau estado e estradas em papel. Para que o eleitor vote com o governo é preciso que o governo vote as estradas ao abandono.

Quanto ao sistema que o inglês preconisou das estradas abetonadas, não é novidade entre nós. Já de ha muito que varios cavalheiros descobriram o meio de se «abetonarem» com o dinheirinho destinado a reparar os maus caminhos por onde andamos.

SINALEIROS

Estão em grande moda as Ligas dos Amigos de isto e daquilo e pouco viverá quem não vir nos jornais que acaba de fundar-se, com numerosa inscrição, a Liga dos Amigos das Ligas. Para uma terra, como esta, em que se não liga nenhuma, a existencia de tantas ligas á um bom sintoma.

Ora o caso é este, que se recomenda ás almas bem formadas, que nele decerto encontrarão ensejo para a formação duma nova liga.

Com a reentrada do tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral para o comando da policia, os sinaleiros readquiriram a antiga energia de gesticulação sinalifera, como diria o cauteleiro fardado. Para indicar a um automovel que pode galgar o Chiado, o sinaleiro respectivo emprega a força precisa para fazer subir um metro cubico de agua a um quinto andar. Um side-car reclama menor energia, mas um camion de cinco toneladas exige do sinaleiro tanta força no *casse-tête* que já duma vez aconteceu ao que faz serviço em frente dos Armazens do Chiado soltar-se-lhe da mão o pausinho, que partiu como uma seta, só descançando á porta da «Brazileira», onde foi tomado por um

raio embalsamado, despedido dos ceus para fulminar as telas, já hoje tão historicas como as taboas de S. Vicente de Figueirêdo.

O serviço dos sinaleiros aumentou, assim, o perigo de andar na rua, porque evitando que os automoveis se choquem não impede mesmo nada que eles passem por cima do nosso cadaver. Acresce a este o perigo da distracção dos sinaleiros, de que tem resultado algumas desgraças pessoais, como cabeças partidas, olhos vasados, tendo ha dias de ser conduzido ao hospital um sujeito porque, estando de boca aberta a admirar os gestos do sinaleiro, lhe entrou o *casse-tête* pelas guelas, donde lhe foi extraido pelo medico de serviço no banco.

Ora com este fundamento é que se propõe a fundação da Liga dos Amigos das Pessoas que Passam Perto dos Policias Sinaleiros. Um posto de socorros junto de cada um destes benemeritos do transito seria a primeira realisação da Liga, que em seguida trataria de conseguir do comandante da policia que toda aquela telegrafia sem fins, que constitue o sinal de via livre, fosse substituida por um sinal simples e amavel, uma piscadela de olho, por exemplo, que já é adoptado como sinal de manilha, na bisca lambida e caseira.

PARALELOS

—Não me venha para cá com coisas... Portugal, meu amigo, tem tão bons politicos como a França!

—Isso agora!...

—E' o que eu lhe digo. Olhe, por exemplo: a França tem o Raimundo Poincaré, nós temos o Raimundo Alves.

—Ora, meu amigo... Poincaré é *raimundialmente* conhecido, emquanto que a fama do nosso Alves não passa de Loures.

—De Loures?!... Lerias!... Já sei o que me vai dizer: que o Poincaré fez subir o franco... Pois ainda esse Raimundo não pensava ser ministro e vi eu, com estes que a terra ha de comer, o Raimundo Alves a fazer subir o Franco (não era o conselheiro) para um electrico da Graça.

—Tem graça!...

—E tem electrico...

TEMPERATURAS

Os senhores sabem, mas fingem que não sabem. que a nossa velha mania é acharmos tudo novo.

Assim, por exemplo, ha trinta e tantos anos que todos nós, pessoas desde os dez aos setenta, estamos habituados a que em Agosto faça calor. No entanto, cada mês de Agosto que entra não nos dispensamos de dizer uns para os outros:

—Então o que me diz o meu amigo a este colarsinho?

E logo o amigo, ancioso por concordar, para não suar mais:

—Não me lembro dum verão tão quente como este.

Bastava escarafunchar um pouco na memoria para a gente se lembrar de outros estios torrados, mas a verdade é que nestes momentos a memoria é fraca.

Já o mesmo acontecia áquele sujeito a quem a mulher tinha adoecido com uma febre violenta e que, mandando chamar o medico, ficou estarrecido quando o medico lhe declarou:

—Aguente-se, meu amigo, que a sua senhora tem 40 de temperatura.

—Oh, sr. dr.!—Eu posso lá com um temperamento desses!—gemeu o desgraçado, numa lamentavel confusão, nascida do esquecimento de que a temperatura nada tem com o temperamento.

PENSAMENTOS

O homem que para conseguir e manter o amor de duas mulheres se arruina em luxo é um ser abjecto. Tal homem, como diria Nietschz ou o sr. Forjaz de Sampaio, é o que pode chamar-se um «abjecto de luxo».

* * *

A' mulher que se perde do marido chama-se-lhe mulher perdida. A' que perde o marido, chama-se-lhe viuva. Injustiças da sociedade!...

* * *

A caridade é um sentimento profundamente humano. Toda a gente gosta de dar, quanto mais não seja, um coice, no momento oportuno e na boca do estomago.

* * *

Um filho é um encanto. Dois filhos são dois encantos. Tres filhos já são uma preocupação. D'aí para cima começam a ser uma maçada e uma preocupação sem encanto nenhum.

* * *

Toda a gente tem definido o Amor. No entanto toda a gente está disposta a experimentar o que aquilo seja.

XISTO JUNIOR

ESPERANÇA

—Estão, sempre na vadiagem, hein? Até quando?...
—Até ter um pésinho de meia...

OPORTUNIDADE

—O tabaco faz-me perder a memoria.
—Ah sim? Ouve lá, emprestas-me cem mil reis?

Curiosidades

O PROBLEMA DA CIRCULAÇÃO

Um conselheiro municipal da camara de Paris apresentou ha dois anos um projecto que solucionava o grave problema da circulação. Consistia na criação de passagens escavadas e ao ar livre em cada encruzilhada dos grandes «boulevards». Assim, os veículos que percorrem em linha recta os grandes «boulevards» descem, para transpôr cada encruzilhada, por um caminho aberto no meio da rua, paralelo ao meio desta e com uma inclinação de 0,075 por metro. Esta via vai passar sob uma especie de arco cuja parte superior fica ao nivel do solo e por onde seguem os veículos que veem das ruas transversais.

CARMEN SYLVA E OS CEGOS

A rainha Isabel da Romania, que usou o pseudonimo literario de Carmen Sylva, falecida ha dez anos, foi a maior protectora dos cegos. Fundou em Bucarest a *Cidade da Luz* ou *Vatra Luminosa*, grande colonia onde recolheu alguns dos 20.000 cegos que havia então na Romania e, não contente com oferecer-lhes todo o bem estar e comodidades possiveis, fez de cada cego um operario compositor e impressor, pondo-os aptos, graças ao uso duma maquina inventada pelo jovem cego Teodorescu, a comporem, cada um, 5.000 folhas por dia, sem cansaço. Com o fabrico dessas maquinas, que se espalhou por todo o mundo, a caridosa soberana poude prover a todas as necessidades e desenvolvimento da sua *Vatra Luminosa*.

O FANTASMA DE WINDSOR

Um «touriste» que na terceira dezena do mês de Maio contemplava a silhueta do *Castelo de Windsor*—residencia familiar dos soberanos ingleses—á hora do crepusculo, ficou surpreendido ao ver aparecer, de repente, a uma janela, junto á torre dos saxões, uma mulher vestida de negro, com um capuz na cabeça. A visão desvaneceu-se rapidamente, para reaparecer, alguns minutos depois, por detraz das ameias do castelo. Um jornalista a quem o «touriste» contou a sua aventura fez um discreto inquerito e soube que a *dama negra* é muito conhecida em Windsor, onde se crê que ela seja o fantasma da Rainha Isabel.

Conta-se que apareceu em 1897 ao tenente de granadeiros Caw Glyn, o qual estava lendo na biblioteca da Rainha quando viu surgir, de um recanto da sala, o fantasma duma mulher alta e delgada, vestida de negro, que passou silenciosamente por diante dêle, desaparecendo na sala contigua. Alguns anos depois, durante a permanencia da princesa Alicia, condessa de Athlone, no castelo, um dos seus filhos viu, uma noite, a *dama negra* inclinar-se sobre a sua cama e olha-lo friamente. Segundo *Le Journal*, onde se lê tudo isto, a *dama negra* deixou-se ver varias vezes no decurso destes ultimos anos.

Uma tragedia duplamente ‹real›

A misteriosa enferma do sanatório Monmsen de Berlim, que se supõe ser a arquiduquesa Anastacia, terceira filha do czar Nicolau II, tem sido um belo assunto para magazine. Envolve-a um grande ponto de interrogação, feito de dúvidas e de suspeitas. Trata-se, na verdade, duma das pequenas granduquesas que, ao tempo da revolução, ainda usavam grandes laçarotes brancos no cabelo e sonhavam com bonecas. Trata-se duma aventureira, duma impostora? Ou simplesmente duma louca? A resposta é ainda e sempre um grande ponto de interrogação. A novela tem o direito de copiar a Vida. Mas a Vida não tem o direito de ser novela, e a historia dessa mulher que a 22 de Janeiro de 1920 tentou suicidar-se no canal de Landswehr e hoje está num sanatorio a expensas da sua presumivel avó, a imperatriz-mãe da Rússia, é uma historia demasiado novelesca. Peca por excesso de enrêdo, é demasiado romanesca, a historia de Ana Romanowska. Ora vejamos...

Depois de feitos prisioneiros em Tobolsk, os czares e seus filhos foram conduzidos para Ekaterimburgo, a cidade mancha de sangue. Assustado pelo avanço dos exercitos contra-revolucionarios ás ordens do almirante Koltchak, o soviet de Ekatevinburg perdeu a cabeça e, mesmo sem autorisação do governo de Moscou, ordenou o fuzilamento em massa da familia imperial, o qual teve lugar no sotão da casa que lhe servia de prisão, no dia 16 de Julho de 1918. Depois da execução, os cadaveres foram trasladados para um bosque vizinho, onde seriam queimados. Nesta altura bem surge o romance, que pode ser uma verdade romanesca...

Chegados ao bosque os cadaveres, um dos soldados vermelhos chamado

Grupo representando as 4 princesas filhas do czar assassinado. No medalhão a «dama misteriosa» que é a mesma que na fotografia é a primeira da esquerda.

Chaikowski, de origem polaca, verificou, horrorizado, que uma das gran-duquesas dava sinais de vida. Cheio de piedade quiz tentar salvá-la e, ajudado pelo negro da noite, carregou aos ombros o corpo da gran-duquesa Anastacia—que tinha então apenas dezassete anos—para a casa dum «mujik», seu amigo, o qual, auxiliado pela mulher, tratou carinhosamente da pobre menina, cujas faculdades mentais, comtudo, sofreram um imenso abalo, imensamente natural.

Alvo de suspeitas por parte dos seus sanguinarios companheiros, Chaikowski viu-se obrigado a fugir para a Romania, levando consigo a gran-duquesa. Daí a tempo, estando a princesa para ser mãe, Chaikowski resolveu desposá-la, o que veiu complicar as cousas, pois que o nome dado pela noiva, o nome de Ana Romanowska (forma polaca do apelido Romanoff), excitou a curiosidade dos bolchevistas. Pouco depois do casamento, Chaikowski era misteriosamente assassinado, repousando os seus despojos mortais no cemiterio catolico de Bucarest. A sua viuva, depois de dar á luz uma creança que viveu apenas uns dias, fugiu para a Alemanha, com a ideia de pôr-se em comunicação com o grão-duque de Hesse, seu tio materno.

Depois duma tentativa de suicidio, foi conduzida ao hospital Izabel, de Berlim, donde mais tarde foi removida para o sanatorio Monmsen. Visitaram-nos muitos nobres emigrados russos e a imperatriz-mãe; é flagrante a sua semelhança com a pequena imperatriz Anastacia; recorda muitos detalhes da vida da côrte na Russia, nos ultimos tempos do Imperio; mas, apezar de tudo, a duvida subsiste. E' a Politica representada pelos dois partidos rivais dos pretendentes ao trono da Russia, o primo do czar, Cirilo Vladimirovich, e o tio avô de Nicolau II, o grão-duque Nicolau Nicolaievich—, a não querer reconhecer na misteriosa enferma de Berlim a herdeira natural do trono dos czares. E é sobretudo a parte novelesca da historia a tirar verdade ao que porventura nela exista de verdadeiro.

A DECADÊNCIA DO «JAZZ-BAND»

Parece iniciar-se a decadência do «jazz-band». A princesa Ana de Saxonia aceitou a presidência de uma Associação cujos membros se comprometem a não assistir a nenhuma festa em que se dance ao compasso dos estridentes sons de uma orquestra de «jazz». E' de notar que na França e na Italia nunca foram bem aceitos alguns excessos a que os negros do «jazz» se entregam impunemente, nos Estados Unidos. O «Excelsior» conta que, recentemente, numa festa aristocrática do Faubourg Saint Germain, a dona da casa, uma condessa pouco tolerante para certos caprichos da moda, se viu obrigada a dispensar no meio da noite um *jazz-band* que tinha contractado e cujo director, um mouro autentico, não se contentando em cantar, gritar e gesticular, em certo momento soltou o grito subversivo de «Abraçar as senhoras».

OS SETE SÁBIOS DA GRECIA

Num dos muitos banquetes que na sua casa celebram os sete sabios da Grecia, discutiu-se, á sobremesa—nunca discutiam durante o jantar propriamente dito—sobre qual era o povo melhor governado. Eis a opinião dos insignes helenos.

Solon: Aquele onde a injúria feita a um particular interessa a todos os cidadãos.

Bias: Aquele onde a lei faz ás vezes de chefe do Estado, isto é, do que manda.

Anacarsis: Aquele onde a virtude é honrada e enaltecida.

Tales: Aquele onde os cidadãos nem são muito pobres nem muito ricos.

Pitaco: Aquele onde os empregos se dão sempre aos bons e nunca aos maus.

Quilou: Aquele onde se faz mais caso da lei do que dos oradores.

Periandro: Aquele onde a autoridade pertence a um pequeno numero de virtuosos.

O OURO DO RENO

O Reno arrasta pepitas de ouro. Até agora, porém, ainda não se calculara a quantidade de ouro transportada pelas aguas deste aurífero rio. Um professor de química, de Berlim, depois de profundos estudos, chegou á conclusão de que por um metro cúbico de agua podem recolher-se três milesimas de miligrama de ouro. Donde este sabio deduz—e fica sob a sua responsabilidade!—que o famoso rio arrasta 200 quilos de ouro puro.

O DOMINGO ilustrado

França-Brazil

A influencia da ilustração franceza na vida brazileira O grande erro do teatro—«feerie» —A volta do filho prodigo.

Julho, 15

E' sabida a influencia da vida parisiense, nos povos latinos. Mas o Rio de Janeiro é talvez a cidade que mais se deixa dóminar por essa influencia, vinda atravez os figurinos de modas e revistas galantes.

As grandes modistas parisienses têm aqui representantes, os grandes modelos chegam ao Rio primeiro do que a Paris, na linguagem, nos costumes, na vida a influencia da *França exportadora* é dominante.

Um dia passou pelo Rio de Janeiro a companhia «Ba-tá-clan». Pois não foi preciso mais nada! As empresas que anteriormente exploravam revistas brazileiras, cheias de pitoresco e de vida brazileira, de costumes caricaturais, flagrantes episodios individuais, belas manifestações de teatro com personalidade, deram de mão a esse teatro que era brazileiro e endoideceram com o teatro para forasteiros das companhias francesas.

Caindo no grave erro de querer fazer tudo á francesa, sem se lembrarem que os franceses fazem aquele teatro para estrangeiros *que vão por fôrça* ao teatro, as empresas deitaram mãos ás grandes montagens, cortinas de sedas, costumes de oiro, senarios e luzes deslumbrantes e aconteceu... que o publico não gostou... como logicamente era de prever.

Os tipos, os traços individuais, as caracteristicas da vida, da raça e do paiz, desapareceram sob uma avalanche de lantejoulas, de sedas autenticas e bailados russos.

Isto é, o teatro brazileiro deixou de ser brazileiro para se parecer com um outro que os franceses inventaram... para tirar fotografias para as ilustrações!

Actualmente, começam a ver as emprezas que andaram erradissimas e tenta-se voltar de novo ao são principio: Fazer teatro brazileiro dentro dos modernos processos teatrais. Oxalá ainda seja tempo e o teatro brazileiro possa retomar as suas caracteristicas, tão pitorescas e tão individuais.

HENRIQUE ROLDÃO

> *O Teatro portuguez atravessa uma enorme crise e os emprezarios declaram que não sabem o que hão-de fazer.* (Dos jornais)

O' tu que fumas dá alguma coisa para o charuto do emprezario

QUANDO o «Domingo Ilustrado», semanario sempre prompto a associar-se a todas as iniciativas generosas, teve conhecimento da interessante ideia do nosso colega «O Diario de Lisbôa» promptamente poz as suas colunas ao serviço da angariação de tabaco para os azilados. Hoje uma outra colectividade tão invalida como a dos azilados, tão simpatica como ela e tão digna como ela das nossas atenções, aparece a clamar nas gazetas que a sua situação é angustiosa. E logo o *Domingo ilustrado*, vem pedir a todos os seus leitores que não deixem de ligar o seu nome a uma tão simpatica ideia.

O' tu que fumas dá alguma coisa
para o charuto do emprezario

O charuto é a principal caracteristica do director de casas de espectaculo.

Ninguem decerto ainda esqueceu o charuto desses trez grandes emprezarios portuguezes que se chamaram:

Visconde S. Luiz Braga, Freitas Brito, Antonio Santos. Nestes o enorme havano era como que o simbolo da sua profissão. Casa cheia, casa vazia, bom negocio, mau negocio, corressem as coisas bem, corressem as coisas mal, nunca nenhum desses grandes emprezarios deixou de ter nos labios, um sorriso e um charuto e aos ve-los tinha-se muitas vezes a impressão de que era o enorme trabuco a alavanca que sustentava o atraente sorriso.

E' por isso, que hoje, quando as colunas de todos os jornaes clamam que o teatro portuguez atravessa uma enorme crise que nós não devemos deixar de concorrer com todo o nosso esforço para que não falte aos nossos emprezarios esse tão necessario amamento e para que eles não percam aquela alegria de que que tanto precisam para atravessar a espinhosa estrada que mais parece talhada para um fakir (sem piada ao sr. Rafael Marques) do que para um sensivel mortal.

Mas ao pensar-mos em rogar aos nossos leitores que nos enviem 0 charuto do emprezario, calculamos logo que eles se iam ver em face desta logica interrogação.

—Mas que charutos fumam eles?

Para lhe facilitarmos a escolha, um dos nossos reporters percorreu os teatros de Lisboa e eis as indicações que nos transmitiu.

O nosso amigo Covões emprezario do Coliseu e de S. Carlos só fuma *Operas.*

Luiz Ruas gasta *La Confiança...* lá confiança no referido Rafael Marques.

Carlos Borges fuma de tudo, contanto que faça muita cinza.

Alexandre d'Azevedo prefere charutos nacionaes.

Eurico Braga fuma *La Casa*... cheia ou La casa familiar.

Alberto Barbosa, *Otelos* e *Negritas.*

Sebastião Araujo o lunatico emprezario do Gymnasio diz que *La vida ês un sueño.*

José Climaco do Eden contenta-se com uma breve *Poock*; porque diz ele mais vale *Poock*... que nada.

Estevam Amarante, quer charutos de picar... a cavalo.

José Loureiro, fuma dois mundos.

Robles Monteiro, *Rey-nitas.*

Armando de Vasconcelos, não tem marca certa mas do que gosta mais são de entre-actos, por serem uns charutos pequeninos que não fazem mal a ninguem.

E o Luiz Pereira, só compra *Veni-Vidi-Vici* e explica porquê:

—Não vêm vocês que eu *Vedi* o Macedo e Brito e *Vidi* se o negocio me cheira e se me cheira logo *Vici* posso meter mais alguns cativos. E agora já os nossos leitores sabem como fazer a sua escolha e a distribuição pelos teatros de Lisboa

O' tu que fumas dá alguma coisa
para o charuto do emprezarão

L. F.

comentarios

JOSÉ RICARDO

Comemorou-se agora no Porto — a terra amiga de José Ricardo — o primeiro aniversario da morte do mais pitoresco de todos os nossos actores.

Recordá-lo é prestar-lhe o maior culto. Um actor que consegue depois de morto — quando a lisonja das vaidades é inutil! — que alguem ainda lhe dedique alguem atenção é porque foi em vida realmente alguem.

A QUEDA DE PIRANDELLO

Pirandello, que era um modesto professor do liceu e foi durante algum tempo o maior nome do teatro mundial está agora muito por baixo. Cairam-lhe sucessivamente, e ruidosamente as ultimas cinco peças. E, apesar dos esforços do governo de Mussolini, não ha forma do publico ali acorrer.

O que se conclue! Que na arte, como na vida ha novos ricos e que Pirandello que subiu vertiginosamente—caiu fulminantemente.

Gymnasio — «As Tres Meninas Nuas» grande sucesso.

Avenida — Sempre o «Doutor da Mula Ruça» peça de E. Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos.

Politeama — Fechado temporariamente.

Nacional — Companhia Stichini-Azevedo. A peça de grande sucesso «Os Filhos».

Trindade — Companhia Lucilia Simões-Erico Braga «O Patriota» e «Pomada Amor». Grande sucesso.

Apolo — Fechado temporariamente.

Variedades — A revista de grande sucesso «O Pó d'Arroz».

Coliseu — Fechado temporariamente.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

HA umas determinadas pessôas, coitadas, que julgam não ter importancia as pequenas coisas, de modo que quem de facto souber fazer atenção á vida, lá lhe cabem as pequenas coisas, misturadas com as grandes. Não sei se o leitor tambem tem como eu alguma coisa que contar a este respeito daqueles que andam tão ingloriamente nas alturas que ficam furados nas solas das botas. Ora o que eu vou recordar é-me profundamente doloroso, mas faço-o por um profundo respeito que tenho pelo meu entendimento. Não foi esta a primeira vez nem a milésima que eu tive contacto com pessôas em evidencia oficial e nas circunstancias que pretendo marcar neste capitulo. De resto, o leitor vae certamente reconhecer o tipo, embora não conheça pessoalmente os personagens. Refiro-me áqueles que se servem da nossa intimidade em igualdade de circunstancias e que em publico procedem como se nós tambem fizessemos parte desse publico. Provavelmente, não me faço entender:

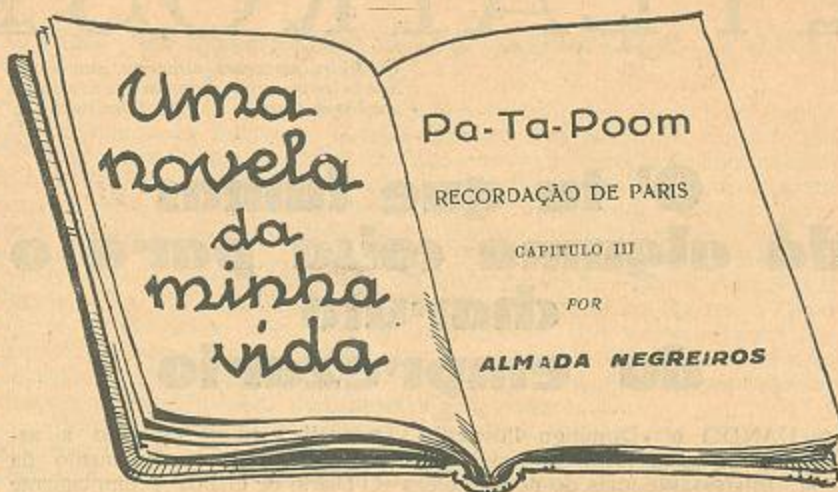
O que eu quero dizer é que ha meninos que quando estão sós comnôsco são uma coisa, e basta que apareça um terceiro para a diferença ser formidavel. Emquanto a conversa foi apenas entre ele e eu, tudo correu muito bem e ele não levou a melhor: porêm, quando chega o terceiro, parece efectivamente que ele é que esteve a ensinar-me, e se o terceiro não fica convencido disso mesmo não é porque não tenha todas as razões para o poder afirmar. O leitor já começa, com certesa, a ver surgirem esses cavalheiros aos quaes me esforço aqui por retratar e que são aos milhares por esse mundo fóra e raras as excepções. Quantas vezes na nossa ingenuidade, ou melhor, na nossa generosidade, nós não tememos e até procuramos dar á conversa o seu maximo de oscilação e de significado por amor ao entendimento, e esses senhores, apenas chega o publico, continuam sósinhos na superioridade do dialogo, como se fosse seu exclusivo e em desprimôr do camarada, que na maior parte das vezes foi quem revelou a altura do assunto. Muito teria eu que me revoltar se desde muito cêdo não tivesse reparado que quem acaba sempre por perder é aquele que se colocou mal. Pois isto acontece comigo e não sou conhecido por parvo, e talvez por isso mesmo tenha acontecido mais vezes comigo. Ninguem deseja neste mundo ser mais parvo ou mais ignorante do que outro conhecido como inteligente. E se a preocupação do mundo é dar bem mostras de vitoria, embora a não tenham, muito deve custar a esses senhores que se adornam de vitoriosos constatar que a clareza de espirito e o prazer do entendimento esteja precisamente naqueles que parecem não se preocupar com o, culto externo da conquista.

Conheci no extrangeiro um compatriota nosso, o qual por condições extraordinarias manteve comigo uma intimidade ocasional.

Não posso deixar de repetir aqui que essa intimidade chegou a ser adoravel, verdadeira convivencia entre iguais. Porêm, o nosso compatriota era de uma infantilidade mundana que me fazia sorrir: quando aparecia um terceiro ou terceiros ou passava imediatamente para seu secretario e não me punha em logar mais subalterno porque parece que os meus olhos, sem eu querer, não lho consentiriam. Esse nosso compatriota, tão conhecido do publico como eu, chegava a ser magistral nas coisas aparatosas da vida, mas nas mais

—Sem uma hesitação menti descaradamente ao desconhecido...

pequeninas coisas só eu é que o conhecia. Não é passada com ele a historia que o leitor vae conhecer, é com outros dois compatriotas tão evidentes na vida publica portuguesa como ele, ou ainda mais.

Trata-se de dois ministros, de dois lentes da Universidade, os quaes ainda que pouco mais velhos do que eu usufruiam já de uma notoriedade scientifica, sinonimo incontestavel de fenomenos. Um acontecimento resultante da nefasta politica nacional juntara no Palace Hotel de Madrid os dois referidos lentes e antigos ministros e o autor. Eu seguia para Paris, forçado a abandonar sem razão a Patria e deixando na Penitenciaria um irmão como preso politico. Os dois antigos ministros e ainda lentes da Universidade eram de politicas opostas e por isso mesmo protegiam-se mutuamente, cólo de cima cólo de baixo. Cada um deles me disse a mim particularmente que o outro lhe devia a vida a ele. E parece que era verdadeira a historia e recente. Sabendo que no dia seguinte eu ia em direção a Paris, resolveram os dois, de comum acordo, aproveitar a minha companhia e seguirem viagem comigo. Não sei como se lhes meteu na cabeça que eu era um parisiense consumado, mas foi tal o seu interesse e confiança na minha companhia que eu não pude deixar de usar da piedade de os deixar na dôce ilusão. Junte-se a isto a circunstancia de sermos trez exilados e fora da Patria pela primeira vez, para que eu tenha ainda mais desculpa em lhes ter mentido descaradamente que conhecia Paris como os meus dedos. A confusão que eles faziam era certamente com meu pae, residente definitivamente em Paris desde 1899.

Ora eu nem por sombras iria para casa de meu pae e pelo contrario faria o possivel para que ele ignorasse que eu estava em Paris. Eram razões particulares e fortes que me levavam a proceder desta maneira. Tinha comtudo desde a minha saída de Lisboa um quarto ás minhas ordens numa pensão da rue Gruger em Passy.

Foi o acaso de um brasileiro de passagem em Lisboa que me levou á descoberta de um quarto em Paris, no ano do armisticio, em Janeiro, e os dois antigos ministros e ainda lentes da Universidade não ignoravam em Madrid o panico que havia em Paris para se arranjar alojamento por causa da invasão da humanidade inteira na capital do mundo, depois da Victoria.

Por conseguinte, o meu conhecimento de Paris e o meu quarto deixaram dormir descançados os nossos dois

Até que os dois compatriotas começaram a falar durante as refeições.

compatriotas na «cabine diplomatique». Quando nos apeámos no Quay d'Orsay já ha muito que eu era indevidamente o informador dos meus dois companheiros. Mas procedi sempre de maneira que eu não me denunciasse, não porque puzesse grande empenho em passar pelo que eu era, mas apenas para não os deixar perder aquela confiança em que estavam de serem acompanhados por quem já sabia como aquilo era. Quiz a sorte que, quando nos encontravamos os trez no passeio da gare por debaixo da marquise, um desconhecido acercou-se de nós e perguntou-me directamente se eu sabia onde era a rue de Lille. Sem uma hesitação e por môr dos meus dois companheiros, menti descaramente dizendo com manifesta segurança ao desconhecido que seguisse á direita, cortasse á esquerda e estava na rue de Lille. Os meus companheiros estavam elogiados com o meu parisianismo e o francês lá foi informado por quem acabava de chegar a primeira vez na sua vida a Paris. Quando me lembro que a rue de Lille era aquela mesma onde o desconhecido me veiu preguntar, tenho tantos remosos como vontade de rir. Em seguida um moço veiu saber se queriamos um taxi. Respondi que sim. O moço, sem meu consentimento, levou comsigo a minha gabardine que estava dobrada no meu braço. Os meus companheiros não perceberam o gesto. Ora eu é que não podia deixar de o perceber. Expliquei-lhes ainda a pensar no extranho caso e palavra de honra que apenas soube do que se tratava depois de o ter dito aos meus dois compatriotas: E' costume de Paris, é uma garantia para os moços. Efectivamente chegava um taxi com o moço ao lado do chauffeur e a minha gabardine de sinal.

Chegamos a Passy. No caminho ensinei ruas e edificios um por um. Na pensão o meu quarto era uma insignificancia esconça de agua-furtada e que não deixava mudar a cama de posição e fazia chorar os caixilhos das janelas e os ladrilhos do chão. Apesar disso, naquele mesmo quarto ficámos os trez. Todos os dias eu ia mostrar mais coisas aos meus compatriotas. Eu conhecia efectivamente muito de Paris, por tanto o ter sonhado e lido, mas as admiraveis impressões que eu recebia das suas maravilhas tinham de ser á calada por môr dos meus dois companheiros. Fômos a Mont-Martre, a Mont-Parnasse, aos boulevards, a todas as coisas mais evidentes e á noite vinhamos os trez para o meu quarto em Parsy. Até que os dois compatriotas começaram tambem a falar durante as refeições na pensão. Eles proprios não se esqueciam na conversa de que eram antigos ministros e actuaes lentes da Universidade. Em poucos dias eu estava reduzido aos olhos de todos os comensaes á expressão deploravel de não saber nada de politico nem ter sequer frequentado como aluno a Universidade, quanto mais ser lente como eles! Depois do almoço saimos a pé e eu aproveitei a ocasião para lhes dizer umas coisas. Foram as seguintes:

—Vocês são meus compatriotas, são mais velhos do que eu, são antigos ministros do meu paiz, são actuaes lentes da Universidade de Lisboa; além disso teem: um, uma carta de credito de oitenta mil francos, outro, outra carta de credito ilimitada, e eu tenho apenas trez mil francos e depois de os

UMA NOVELA TRAGICAMENTE COMPLETA . . .

ESTOIRISMO

Leiam! Leiam! Dentro do bom humor e da aparente ironia desta pagina, que tragica verdade não está!

No ano da graça, melhor dizendo da desgraça, de 1926, tive a fatalidade enorme de empreender em Portugal uma viagem. Os transes dolorosos por que passei e as vicissitudes que sofri davam em alexandrinos um poema. Pelo menos a letra para um triste choradinho. Para cumulo da desdita, vi-me forçado, no decorrer da minha longa e atroz peregrinação, a acompanhar por largo tempo uma numerosa familia de estrangeiros, turistes de nascença, turistes natos, que decerto já na ama tinham manifestado a irresistivel tendencia de percorrer constantemente . . . os hemisferios.

Atraídos pela Propaganda de Portugal, pretendiam conhecer as nossas belezas naturais. Tambem só as naturais, porque doutras não possuimos sequer a mais ligeira amostra.

Póde, portanto, calcular-se o meu confrangimento patriotico, ao ter que contemplar os mil dissabores e faltas de conforto que Portugal oferece aos viajantes. A fim de os animar fui-lhes dizendo que tinhamos nas termas sumptuosos hoteis, com todo o conforto moderno e com os mais requintados requisitos que os mais exigentes pudessem desejar. Apontava-lhes assim como que uma terra de Promissão para os aliviar de todas as penas sofridas na esperança de futuras compensações. Cheguei a sentir-me Satanaz fazendo as minhas vitimas atravessar o purgatorio, por entre os mais variados tormentos e suplicios, para lhes oferecer cinicamente um hipotetico paraiso. Mas para maior desgraça a certa altura a viagem teve de meter um automovel.

E travámos então dolorosissimas relações com alguns kilometros de estradas. De estradas, é favor. De ruinas, de antigas, de remotissimas estradas.

O tragico, o inolvidavel acontecimento teve logar no Alentejo. Antes de começar o suplicio e ao olhar para a estrada que se desenrolava na minha frente, senti um calafrio. Dava a impressão dum oceano, que no meio de uma enorme tormenta tivesse solidificado, ficando todo ás ondas. Partimos. A principio os meus companheiros tiveram o movimento de pasmo e varias exclamações de espanto chegaram aos meus ouvidos. Patrioticamente, informei que se tratava dum pedaço de estrada romana, uma verdadeira reliquia, que estava assim desde a mais remota antiguidade, porque a Associação dos Arqueologos não consentia que lhe tocassem.

Garanti que percorriamos um verdadeiro monumento nacional. Mas pouco a pouco começaram extranhando, naturalmente, a extensão do monumento, e vi-me por isso obrigado a engendrar mais satisfatoria explicação. Os sacrificios que o amor da patria nos impõe!

Como pelos constantes solavancos

—E travámos então dolorosissimas relações com as estradas.

do veículo tinhamos todos o aspecto de ir dançando um frenetico, um desengonçadissimo shimmy, facilmente os fiz acreditar que a acidentação constante das estradas era propositada e cuidadosamente mantida, á custa dos maiores esforços, a fim de que os numerosos viajantes tivessem a impressão de que iam permanentemente num agradavel fox-trot. Pelo menos a trote e á ingleza iamos nós. Dada a actual febre dançante, o nosso paiz, no desejo de satisfazer e de impressionar bem os seus turistes, fornecia esse atractivo, esse verdadeiro requinte coreografico.

—Mas sem musica?—extranharam. Expliquei então que era costume trazer um jazz-band, mas que por virtude dum desastre ultimamente ocorrido,—um saxofone que num salto maior do carro tinha ficado com o aparelho atravessado nas guelas,—se tinha adoptado agora o assobio. E comecei assobiando patrioticamente o hino da restauração, que é explendido para um fox-trot.

Contudo, apesar de toda a minha bôa vontade e de todas as minhas explicações, a certa altura tivemos de parar, a fim de que os meus pobres companheiros pudessem pôr em ordem e arrumar nos seus lugares as varias miudezas baralhadas, misturadas e em desordem. Eu proprio tinha a impressão de que um dos rins me tinha saltado para uma das algibeiras do colete e tratava de me certificar, quando um dos meus companheiros, enjoado do balanço, começou em terriveis agonias. Foi um martirio para o fazer seguir viagem e para conseguir que continuasse a aguentar-se no mesmo frenetico balanço. Galgámos então uma descida e o carro, em saltos bruscos e constantes, dava-nos a impressão perfeita de que desciamos as escadinhas do Duque ou da Saude.

Porem, finda a descida, a coisa peorou. Eu quiz ainda justificar as enormes crateras em que o automovel se afundava, explicando-as pelo poder enorme dos explosivos empregados durante uma recente revolução. Mas os meus companheiros, apenas então preocupados com a integridade do fracturadissimo esqueleto, não estavam já em estado de engulir fosse o que fosse. Tomei tambem a mesma cautelosa deliberação e a fim de não perder pelo caminho alguma das miudezas que trago sempre comigo e me fariam uma falta dos diabos, pois que possuo as estritamente necessarias, tratei de me agarrar a elas com todas

—Tendo-nos falecido um companheiro, não foi preciso abrir-lhe a cova.

as minhas unhas e dentes disponiveis, incluindo os coroados. Então um dos meus companheiros, palido, agonisante, perguntou, numa voz debil, como que vinda de além tumulo:

—Mas Propaganda de Portugal diz que sua terra ser um paiz de turismo?

—Calunias, respondi já desalentado. Isto é apenas um paiz de estoirismo. Não vê, é cada estoiro.

De facto, neste momento o automovel, descendo ao interior duma ravina, fazia-nos estoirar de sofrimento.

Os meus companheiros, incautos e desprevenidos viajantes, não costumados a tão arrojado alpinismo automobilistico, iam já num estado lamentavel.

Estropiados, palidos, amarrotados e moidos dos pinhões que reciprocamente se haviam dado no decorrer da tragica viagem, com a cabeça cheia de gálos dos carôlos nas traves da capóta, com os intestinos em estado verdadeiramente pastoso, alguns mesmo agonisantes, inspiravam compaixão.

Efectivamente com tais caminhos só turistes de borracha, com automoveis em cimento armado.

Em todo o caso este estado lamentavel em que todas as nossas estradas se encontram—esburacadas e em ruinas—tem afinal uma vantagem grande, que eu não lhes conhecia, e constatei nesta viagem. Tendo-nos falecido no caminho um companheiro, que não poude sobreviver aos transes dolorosos da jornada, não foi preciso abrir-lhe a cova. Elas eram tantas e tão profundas, que apenas nos ficou o trabalho de a escolher.

E depois do acto piedoso, nós, os sobreviventes, durante o resto do trajecto, acabámos por convir, de acordo unanime e sincero, que ha só um meio de percorrer comodamente as estradas de Portugal: é de avião.

AUGUSTO CUNHA

Automobilismo

«O VOLANTE»

Foi ontem posto á venda o 1.º numero do novo jornal de automobilismo «O Volante», sob a direcção do jornalista desportivo Campos Junior, com a colaboração tecnica de Alfredo Aguiar, Carlos Moniz Pereira, Sanches de Castro e José Garcia da Costa.

O novo quinzenario vem com seis paginas e bastante ilustrado.

---

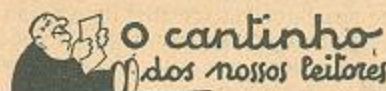
gastar hei-de eu ganhar os que vierem depois. Mas não é isto o que eu propriamente lhes queria dizer. O que eu queria que vocês soubessem depois destes quinze dias em que estamos em Paris é que eu cheguei a esta cidade pela primeira vez na minha vida, sob a minha palavra de honra, no mesmo dia, á mesma hora, no mesmo instante do calendario que vocês os dois!...

«E agora se vocês quizerem pensar alguma coisa ácerca do que lhes acabo de dizer, pensem, porque eu tambem já pensei.

Paris, 13 de Fev. 1919.

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

Ano II—Numero 82
O DOMINGO ilustrado

VARIA

COLABORAÇÃO DIVERSA DE CURIOSIDADES ENVIADA POR LEITORES NOSSOS

Tortozendo.—Sou um apaixonado do estudo das raças. Tenho verificado muitas geneologias. Posso dar-lhe alguns esclarecimentos curiosos:

Um avô do dr. Afonso Costa foi queimado como judeu no Santo Oficio.

Na ascendencia duma criminosa celebre que praticou um triplice infanticidio em Lisboa, ha dois casos de mortes misteriosas de creanças.

Encontrei documentos que provam haver vivos hoje quatro filhos naturais do Rei D. Carlos I.

Um medico—(Ferreira do Zezere.) São muito raros os monstros e os gigantes em Portugal. Dei recentemente fé dum, José do Canto—Medía 2,m 23, descalço. Era natural de Fornos. Pesava 87 quilos e não tinha dentes desde os 24 anos. Actualmente emprega-se como assentador na C. P. e continua muito forte. Alimenta-se de vegetais ou sopas.

Um apaixonado de estatisticas—(Lisboa).—Das mulheres entradas no Aljube 88 o/o em media são infanticidas. Dos homens entrados no Limoeiro 60 o/o gatunos, 40 o/o agressores ou assassinos. Das creanças entradas na Tutoria 90,5 o/o gatunas, 9,5 o/o malvados.

A MESQUITA DE PARIS

Foi construida e acaba de ser inaugurada em Paris uma sumptuosa mesquita. A capital francêsa já tinha, além de grandes templos catolicos, como «Notre Dame» e a «Madalena», varias igrejas protestantes, uma igreja ortodoxa, duas sinagogas e um templo budista. Faltava uma mesquita, para que a grande cidade, tolerante e generosa como nenhuma, pudesse tambem oferecer hospitalidade espiritual aos mussulmanos.

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 3 — 2.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE CARLOS RODRIGUES

ORDIGUES (Da T. E.)

8 AGOSTO 1926

Apuramento do n.º 11 (1.ª SERIE

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

LORD DÁ NOZES

N.º 2 — 4 votos

N.º 8, de BAGULHO.......... 3 votos
» 9, de VISCONDE DA RELVA.. 3 »
» 1, de D. SIMPATICO....... 2 »
» 10, de CALTAR........... 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

MAMEGO, MARIANITA, D. GALENO (T. E.), DROPÉ (T. E.)

Com 11 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

HENRICO AULEDO, (9), D. SIMPATICO, LORD DÁ NOZES (8), MIEL, JAMENGAL, JOJOROCA (6), JUFENA e LOURENIFF, ADALBERTO BECO, PIRICATA e VIRIATO SIMÕES (5)

DECIFRAÇÕES

1—*nomologia*, 2—*GENTIL-HOMEM*, 3—aviso, 5—Campa-o-ão, 6—pulgada; 7—peliça, 8—*dobrado*, 9—*sagacidade*, 10—*prole*, 11—zagaia, 12—estonado.

A charada n.º 4 foi anulada.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 3 de AFRICANO com 6 decifradores.

LOGOGRIFO

1

O *prior* da freguezia—1—6—3—2
homem patife e matreiro,
teve um forte «*atrevimento*»—5—2—3—4
contra a filha do moleiro!

A familia que é *pateta*—3—4—5—2
e tambem gente casmurra,
bateu no atrevido padre,
quando montava na *burra*.—4—3—1—2

Mas o padre muito aflito,
diz:—comigo nada foi,
e... não me batam na cara,
com o *futano do boi*.

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

CHARADAS EM VERSO

2

Quando a vejo passar altiva e cativante
tendo no casto olhar uma expressão divina,
sinto no coração a chama torturante
duma louca paixão que fere e assassina.

Prende-mê o seu sorrir. Seu porte insinuante
avassala tambem quem dela se aproxima,
num magico prazer, sublime e embriagante,
aonde o proprio amor nos esmaga e arruina!

E vendo em seu olhar aquela *graça* airosa,—1
que faz do seu sorrir um sonho côr de rosa,
eu sinto da *tristeza* o canto dolorido,—1

e vou ébrio de dôr o seu desdem sentindo,
baixinho a regougar num desespero infindo,
o eco dum amôr... num *impeto* perdido!

Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.)

(Ao Dr. da Mula Ruça)

3

Em certo dia um saloio
que padecia de amôr,
metendo-se num combolo
Foi consultar um doutor.

De que padece você?
Diz o doutor muito afavel.
—Saiba «antão» vocemessê
que tenho um mal incuravel.

—Não vejo o caso tão ruim.
Padece de algum pulmão?
—Tenho «incasiões» que sim
e «oitras bezes» que não.

O doutor *acaba* emfim—2
declarando num momento:
O seu mal cá para mim
é falta de casamento.

«Sôr doitor» eu sou casado
e minha «*mulher*» «tambem» é;—2
veja se é mais *moderado*
que eu não venho de maré.

Lisboa — LORD DÁ NOZES

[Ao ilustre director desta secção]

4

Calcule o sr. «Ordigues»,
que meu priminho Zéquinha
comprou hoje um «*instrumento*»—2
—aliás linda gaitinha.—

Mas o que me causa *pena*—1
é quando ele, coitado,
começa a tocar, e fica
muito feio e *esganiçado*.

Lisboa — VOLITA

5

Comprei hontem *certo* anel—1
mas sucedeu-me um precalço,
pois mesmo *com* cinco pedras—1
inda tem o *brilho falso*;

Lisboa — JAMENGAL

CHARADAS EM FRASE

6 O *déspreso* a que votamos *um* inimigo, fere-o ás vezes tão profundamente como o agravo mais *ultrajante*.—4—1.

Lisboa — BAGULHO

7 A *gorgeta* dada *a* alguns creados é sempre *magra*.—3—1

Lisboa — AULEDO

8 Já são *" duas vezes "* (1) que me *encontro* com o *diabo*.—1—2

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

9 Por uma *quantia igual a trezentos reis* comprei um *instrumento de carpinteiro* para fazer uma *moldura*.—3—3.

Lisboa — MARIANITA

10 *Cuidado*, que êle é *um* homem *ciumento*.—2—1

Lisboa — ADALBERCO BÊCO

11 O «*instrumento*» que foi encontrado na *estrada* era da minha *trisavó*.—2—2

Lisboa — AFRICANO

13 Então não *cae* sobre os *animais* aquele *brutamontes*?—2—2

Lisboa — MIEL

13 Ha um «*intrumento*» que *permanece* muito tempo, num certo «*pó*».—2—2

Castelo Branco — MANÉ BEIRÃO

CORREIO

Avieira, Mamego, D. Galeno, Camarão, Camarão, Africano, Lord Dá Nozes, D. Simpatico.—Recebi os trabalhos dos ilustres confrades que muito agradeço.

Imaginario.—Não é possivel publicar nenhum dos trabalhos que me enviou (o que lastimo bastante), porque sendo todos feitos em moldes antiquados, alguns deles ainda por cima, pertencem a especies felizmente caidas em desuso.

O charadismo de hoje é mais um passatempo instruitivo do que um quebra cabeças.

Quanto a não concordar com as parciais do logogrifo e da charada em verso, peço licença para lhe lembrar que o director do «Moinho» é este seu criado.

(1) De futuro serão designados com ** todos os termos que sejam prefixos ou sufixos.

ORDIGUES

Barreira de Sombra

NO CAMPO PEQUENO

Uma corrida de pancada á antiga portuguesa

Realisou-se na 5.ª feira a anunciada corrida nocturna no Campo Pequeno. Como á noite todos os gatos são pardos, houve para lá chinfrim de meia noite em virtude dos amadores do Ateneu o serem neste caso mais amadores da comodidade do que da lide.

E assim, é que não houve forma de conseguir uma pega decente senão depois da interferencia dos espectadores, que primeiro, aliás, se fizeram com os ditos amadores, depois com a policia e por fim com o touro, dominando-o a bem.

A verdade pois, agora que o charivari passou, tem que se dizer. Uma associação de prestigio e do passado do Ateneu Comercial precisa de cuidar do seu bom nome e, numa organisação sempre dificil como é uma tourada, deve buscar elementos de segurança para a sua confecção.

IMPRENSA

CELESTINO SOARES

Director do novo periodico SOL, que se propõe defender a politica democratica pura, e cujos primeiros numeros marcaram pelo seu impecavel aspecto grafico e pela doutrina neles expendida.

Varia

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA PEDRO DIAS, 15, 4.º ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

Dr Fantasma, Nênê, Jormen, Menina Xô, José Reis, A.ledo, Spartanus, Henrico, Os Gregorios Lerisos, Dois Principiantes, N.º 2, H. Gosefol, Dropê (T. E.).

DECIFRAÇÕES DO N.º 80

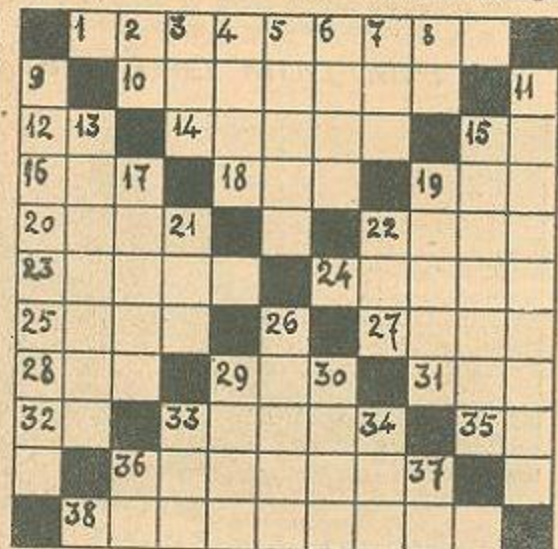
HORISONTAIS.—1 lacrimoso, 2 pró, 3 au-, 4 arca, 5 cair, 6 paira, 7 caro, 8 partida, 9 simpatico, 10 ir; 11 oca, 12 ops, 13 idolo, 14 ..., 15 avo, 16, ar, 17 alma, 18 Aida, 19 ia, ... nies, 21 adido, 22 nó, ... adorna, 24 ar, 25 opaca, ... mono, 27 ara, 28 más, ... ares, 30 arara, 31 vão, ... amr, 33 sis, 34 aro.

VERTICAIS. — 1 lorica, ... par, 5 cara, 8 pio, 14 bi, ... amada, 18 amôr, 28 ... mr, 31 vaso, 32 asa, 35 ca-..., 36 rua, 37 iris, 38 Ma-..., 39 Sá, 40 órca, 41 rito, ... cativa, 43 arido, 44 am-..., 45 ôco, 46 dá, 47 pá, ... oásis, 49 ordenara, 50 ..., 51 aso, 52 idioma, 53 ..., 54 naco, 55 pôr, 56 anã, ... asa, 58 sêr, 59 ar, 60 rir.

PROBLEMA DE HOJE

Original do nosso ilustre colaborador «Visconde da Relva».

HORISONTAIS. — 1 in-...pista, 10 morre, 12 duas ... de pateta, 14 especie de cotinga, brasileira, 15 ... pelo branco, 16 embo-...dura, 18 tres letras de ...vista, 19 bom gosto, 20 homem avarento, 22 passar de um para outro estado, 23 vaidoso 24 ...osteiro, 25 belesa, 27 entrar na posse de (herança), 28 anda!, 29 acanhamento, 31 tres letras de ária, 32 luto, 33 desgraça, 35 asa, 36 ...egados, 38 equidistantes.

VERTICAIS. — 2 figura, 3 quadrupede, 4 especie de tatú, 5 desposada, 6 mulher bela, 7 donativo, 8 sua, 9 aromatizada, 11 tagarelice, 13 nome proprio (m.), 15 homem avarento, 17 estende no chão, 19 faca, 21 orificio, 22 consta, 26 completo, 29 vernis da China, 30 critique, 33 fogão, 34 apontamento, 36 parte mais larga e carnuda da perna das rêses, 37 fundo de vasilha.

CORREIO

ALBEREO SILVA.—Pedimos a fineza de passar pela nossa redacção no dia 9 do corrente das 15 ás 16 para assumpto de importancia.

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

ITOLAHN.—Caracter excessivamente nervoso e impressionavel, generoso e mais administrador de si proprio, facilmente irritavel, boa memoria, muito orgulho espiritual, amor á mentira sem consequencias.

MUFANA.—Caracter meticuloso e detalhista, habilidade manual, ordem, aceio, sensualmente cerebral, «capaz de tudo» quanto se interessa; tanto pode cometer um crime como uma heroicidade, vaidoso e espiritual exteriormente, afavel no trato e de verbo facil e agradavel.

TONELARANA, — Imaginação e força de vontade teimosa. boa memoria, pontos de contacto com «Mufana», amor á estetica, generosidade, muita sensualidade, bom gosto e habilidade manual.

VIOLETA BRANCA. — Espirito religioso, nervos vibrateis e fracos, pouca vaidade, bondade natural, lealdade, sentimento do dever, rajadas de pessimismo. Escreveu tão pouco!

MIGNOTTIS.—Caracter «refermer» ordenado, detalhista, bom diplomata, bom gosto estetico, um tanto interesseiro, dedicado aos seus, trabalhador ambicioso, nervos bem equilibrados.

DINHA.—Boa imaginação um tanto exaltada, nervos, originalidade no trato, má memoria para coisas pouco importantes, generosidade bem entendida, amor á sciencia, optimismo, energia fisica e moral.

VELHOTE. — Boa e cultivada inteligencia, intuição, amor a todas as artes, sensualidade forte, muito orgulho e nenhuma vaidade, generosidade moral e material, ordem, desordenado, embirra com a simetria mas adora o conforto e a ordem harmoniosa das coisas, leal, amor aos livros e ás creanças.

GUERRA.—Não enviou a importancia para a consulta.

FRANCISCO DOMINGUES (Porto). — As consultas a que se refere não chegaram ao meu poder; queira pois escrever novamente e será atendido.

ALVARO X.—Sairá no proximo numero.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no sobrescrito «Consulta particular», e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para— *«A DAMA ERRANTE».*

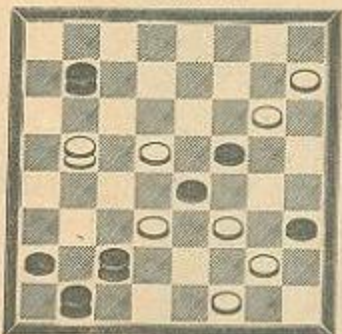
RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

DAMAS

solução do problema n.º 80

	Brancas	Pretas
1	2-7	20-2
2	14-17	25-14-7
3	22-26	30-19-1
4	25-4	13-6
5	4-8	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 81

Pretas 3 D e 4 p.

Brancas 1 D e 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 79 os srs.: Alvaro dos Santos, Armando Machado (Ilhavo), Augusto Teixeira Marques, João Joaquim Tavares da Silva, Ruy Freiria, Um principiante (Carvalhens).

O problema hoje publicado é oferecido pelo modesto amador, cuja assinatura é «Um principiante», ao genial mestre das damas «Neslame», nos termos da sua propria declaração.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 81

Por G. Cuidelli

Pretas (9)

(Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 79

1 P. 7 B; R. 3 R; 2 P — T
R. 5 R; 2 P — C
R. 3 C; 2 P — D

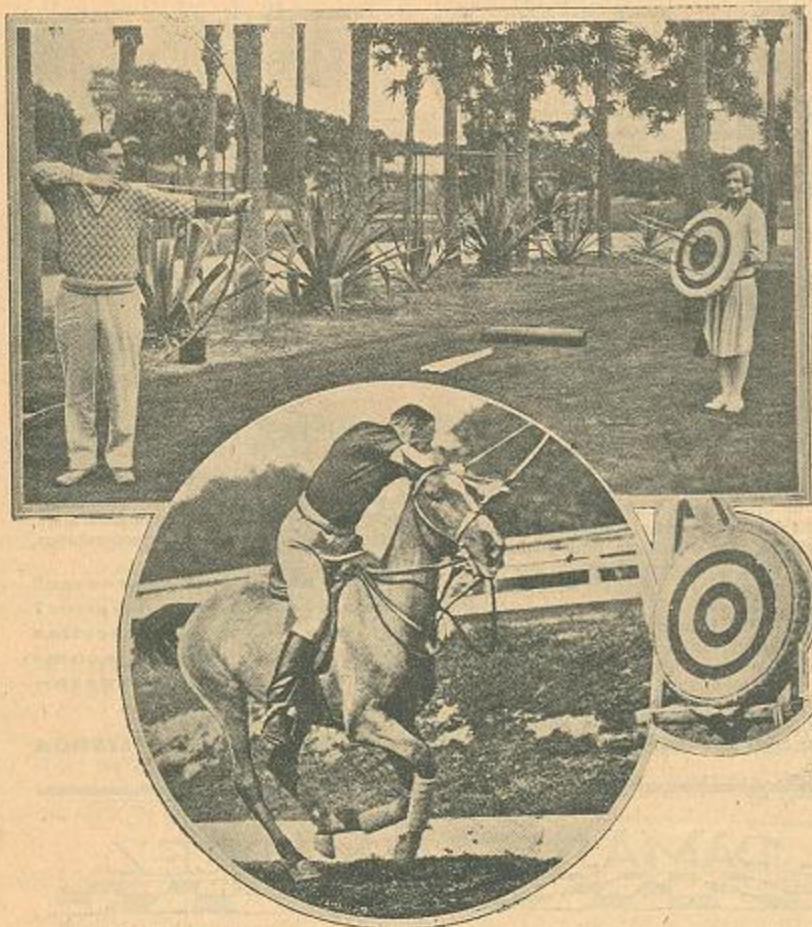
Promoção de P a tres peças diferentes apresentada com grande simplicidade e elegancia.

Resolveram os srs.: Nunes Cardoso, Club Portuense (Porto), Vicente Mendonça, e Maximo Jordão.

GREMIO LISBONENSE.—Terminaram os torneios de diferentes categorias deste club. Os resultados; no grupo A foram os seguintes: 1.º A. Pereira da Silva (detentor da taça e titulo de campeão do Club); 2.º Martinho da Rocha; 3.º A. Ferraz; 4.º Nuno Bulhão Pato! 5.º major F. da Veiga.

As nossas felicitações ao sr. A. da Silva que já revelara a sua classe colocando-se em 5.º logar no ultimo Campeonato de Portugal.

Actualidades gráficas

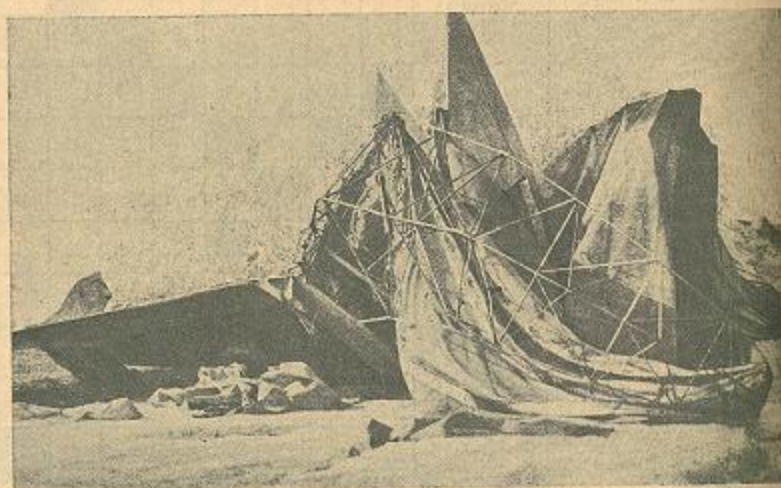
UM NOVO SPORT EM VOGA

O tiro de seta acaba de alcançar o triunfo duma novidade dos campos sportivos de alta roda francesa. Dois aspectos do novo sport nas cercas dum club mundano.

OS ELECTRICOS SOBRE O GÊLO

Modelo de autobus electrico, posto ultimamente a circular na Suissa alemã. Como sobre o gêlo se não podem instalar os «rails», o carro gira sobre pneus e os dois rolos da corrente estão nos dois «troleys» do tejadilho.

A MOTOCICLETE AUTOMOVEL NAS RUAS DE BERLIM

Um engenheiro alemão acaba de lançar a moto-auto-car, que tem o pitoresco que a nossa gravura representa.

O FIM DUM GRANDE SONHO!

Tudo o que resta do dirigivel italiano «Norge», que tentou mais uma vez atingir o polo norte.

UM GRANDE CERTAMEN AUTOMOBILISTICO

Aspecto das decorações do magnifico Stand Peugeot da, Avenida, na actual exposição em que figura o famoso «chassis» 18 H. P., que assombrou Lisbôa.

O transporte rapido e economico deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

E NA ESTAÇÃO DO ROSSIO

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 — LISBOA

PEÇAM

ESTRELLA

A melhor

das cervejas

Grande liquidação de calçados

Na **Sapataria Contente, L.da** Rua do Carmo, 74

TELEFONE: NORTE 5359

SALDOS DE CALÇADOS CHICS AO PREÇO UNICO DE **70$00**

Grande Ourivesaria Joalharia

DE

JOAQUIM NUNES DA CUNHA

Rua da Palma, 100 a 106 e Rua Martim Moniz, 27
Telefone N. 2924

Grande e variado sortimento de joias em todos os estilos, antigas e modernas com ou sem pedras preciosas e pratas artisticas, que vende barato. Compra por alto preço, brilhantes grandes, esmeraldas, safiras e rubis orientaes e perolas. Moedas antigas em ouro e prata. Cautelas dos Montepios Geral e Comercial, e tudo que seja antigo na Ourivesaria. — CUNHA DAS ANTIQUIDADES.

LOPES & CABRAL

Casa especialisada em artigos de mercearia

Produtos nacionais e estrangeiros.
Tudo de primeira qualidade.
Preços de actualidade.

177, AVENIDA DA LIBERDADE, 181
LISBOA
TELEFONE N. 142

A'S EX.mas MODISTAS

TEIXEIRA L.da

ANTIGA CASA ALCANTARA

139, RUA AUREA, 2.º

DEPOSITARIOS DE ARTIGOS PARA CHAPEUS

SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES

FELTROS,

FLAMONS

TAUPÉS

TELEFONE C. 1969

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO *ilustrado*

ASSINATURAS
COLONIAS
ESTRANGEIRO

Na tranquilidade da praia!

Portugal vai-se modernisando! A velha barraca sordida do "Paulo Pataco" é transformada agora pelas elegantissimas creações de toldos e barracas dum arrojado empreendedor e industrial moderno: João Ferreira Gomes.

DENTRO: Duas novelas completas, colaboração de André Brun, Thomaz Colaço, Feliciano Santos, Augusto Cunha, Leitão de Barros, etc.